



A HORA MÁGICA

Roberto de Souza Júnior

“Foi. Nunca será de novo.”

Pronto, não está mais branca. É preciso começar com alguma coisa, já funcionou antes essa estrat...E ele se recorda de Mariana. Ou a recordação terá sido antes da frase? Não importa, importa é que ele tinha colocado a folha na máquina, enroscado a folha, depois tinha se enroscado com a máquina, com a folha... Ele sabia que estava enroscado, desde o primeiro dia, os ossos salientes das costas...

Toma um gole do vinho, o que trouxera da viagem à Califórnia. Abre a janela e sente o ar úmido da bacia do rio Hudson. Faz um pouco de frio, o outono já vai pelo meio, o seminário de escrita criativa também. Vai sentir falta do outono nova-iorquino, das folhas avermelhadas-amarronzadas, que fazem um barulho crocante ao serem pisadas, e do entardecer lilás, lindíssimo, mas que ele quase sempre vê da janela, pois desde sempre prefere escrever no câmbio de luzes, o sol se escondendo, a lua e as palavras se mostrando, a sua hora mágica.

Põe um CD de jazz para tocar. Daqui a pouco começa o programa de rádio, mas hoje ele vai ouvir jazz ao vivo, hoje é o show, ele tinha planejado inverter o seu cronograma, ele acordaria cedo, escreveria até o almoço, almoçaria num tailandês, indiano ou vietnamita da vizinhança e

depois caminharia um pouco pela cidade em delírio. Caminhar é bom para as idéias, e ele precisa urgentemente organizá-las. Para que o conto termine, sim, o conto precisa terminar, porém também há as aulas, chegou o momento da criação de personagens, e o que vai dizer para os alunos?

Mas ele não acordou tão cedo, e uma vez em pé (ele enrolou um pouco na cama, lendo, pensando, recordando), bem, uma vez em pé ele arrumou coisas outras. Limpou a casa, respondeu e-mails, leu o NY Times, a New Yorker e só agora...E agora, sim, agora ele está em frente à escrivaninha, encarando as teclas, as palavras, Mariana...Ali, na escrivaninha, ele encara suas obsessões.

A folha em branco é o Challenger Deep do escritor, ele pensa, isso podia estar em “Versões da Mariana”, e ele dá um sorriso, não acredita que o livro foi traduzido e ele acabou convidado a dar o seminário. Brinda consigo mesmo e brinca com as palavras (talvez boa parte da coisa toda seja sobre isso).

“Será de novo. Nunca foi.”

O horizonte está lilás, Nova York está em delírio lá embaixo. Delírio (Talvez seja sobre isso a coisa toda?).

Checa as horas, tem de se arrumar. Procura um paletó, no telefone disseram que o Café Carlyle aconselha paletó, pode ser o cinza, combina com a camisa verde. Liga o rádio. O programa de jazz ainda não começou, e Nat King Cole canta um bolero com um adorável sotaque.

“...Y yo, desesperando, y tú, tú contestando, quizás, quizás, quizás...”

Volta à máquina, nem se senta.

“Foi. Nunca será de novo?”

Quiçá, Mariana, ele se diz, e agora se senta, longe da máquina, para calçar os sapatos cor de caramelo, como o cinto. Perfuma-se, pega a carteira e, nem tão desesperado, sai à rua. Tanta gente, tantas luzes, tanta comida, tantas histórias, tanto tudo, e táxis. Um deles o leva ao East Side.

Pede para descer na rua 76, em frente àquela livraria pequena e alternativa. Fica olhando o “Versions of Mariana” na vitrine.

Ele pode dar exercícios aos alunos sobre criação de personagem, ele pode projetar aquela lista de perguntas que se deve fazer ao personagem? Aquela lista da cor favorita, de um episódio marcante da infância, de um hobby...Perguntas para conhecer o seu personagem, isso é muito importante, conhecer o personagem, ele poderá dizer, e é mesmo, ele acredita, as perguntas são úteis, mas se alguém perguntar sobre Mariana, sobre a primeira versão dela, a Mariana primordial, que deu origem às outras,o que ele vai dizer?

“No fundo, Mariana me criou, e não eu a ela”, ele disse uma vez, quando foi convidado para aquele evento naquela cidadezinha histórica do Rio de Janeiro. Encheu a boca para cutucar que, se os teóricos na contemporaneidade preconizavam a morte do autor como entidade biográfica, que o autor não importava, o que importava era o texto, era o texto que criava autor, o autor “só” escrevia o texto, então Mariana o criou, e que não lhe viessem perguntar sobre a criação dela, que perguntassem a ela, ao texto, como o autor foi criado.

Foi uma forma de fugir, mas agora, em outro país, na cidade do outono de entardecer lilás, ele talvez justifique a existência do seminário, que fazer com que os escritores dêem aulas baseadas em suas experiências. Então ele talvez diga que se Mariana não o criou, ele também não é o criador dela, porque ela já surgiu pronta, ela sempre esteve no fundo mar e um dia materializou-se naquela moça que era irmã do Rodrigo, o marido da Hilda, sua amiga Hilda, da faculdade, ele, ela e o Guido os três da turma que continuaram a se encontrar depois de formados, e num desses encontros a Hilda levou o marido e a cunhada.

Mariana e Rodrigo eram donos de um tipo físico muito peculiar: altos, magérrimos, corpo quase sem curvas, mas ela era diferente, com uns olhos de azeitona, de um tipo especial, olhos negro-esverdeados.

“Mariana, esse é o Luís, ele se formou em oceanografia, mas agora vai se lançar como poeta”, disse a Hilda ao apresentá-lo, e ele cumprimentou aquela moça de mini-blusa preta mostrando parte das costas de fora, costas com ossos salientes que ele sentiu vontade de beijar. Desde aquele primeiro momento ele teve a impressão de que estava encrencado, e a impressão se confirmou quando eles conversaram, sobre vídeo arte e filmes bregas, sobre o lugar mais profundo da Terra e a literatura, a poesia, e ele se lembrou de Bandeira, porque quando ela falava, era como se o espírito de Deus voltasse a se mover sobre a face das águas, e em algum momento naquela primeira noite, de muitas cervejas no boteco, em que os dois ficaram quase todo o tempo à parte, falando só entre eles, em algum momento ele disse a Mariana que ela parecia uma pintura impressionista. Ele não disse, mas ele tinha lido que Monet, fascinado pela variação da luz do sol, pintava a mesma cena várias vezes, e ela, Mariana, dava nele a vontade de te pintá-la repetidamente com palavras, em diferentes matizes, em diferentes versões, que no fundo seriam as mesmas. E ele prometeu a ela um poema, promessa que só cumpriria meses depois.

Talvez ele também conte para os alunos do seminário de escrita criativa sobre o fim de semana no campo, na chácara da família do Guido, quando ele e Mariana passaram a noite juntos pela primeira vez, e ele despertou na manhã seguinte, mas não se moveu. Sentia Mariana e por um momento foi como se eles fossem uma unidade. Dormiram agarrados, o que não lhe acontecera antes com nenhuma outra, porque ele se incomodava, uma mera questão de conforto, imaginava. Agora Mariana estava ali, a pele dela afundada na dele, as pernas misturadas, os cheiros, ele respirando nos cabelos de Mariana, respirando-a, e a respiração ritmada

dela em seu pescoço. Ele tinha vontade de fazer xixi, mas segurou a bexiga o máximo que pôde. Na volta para a cidade, ela veio no carro dele. Pegaram a estrada na “hora mágica”. O tempo estava fresco, o horizonte rosado, os faróis dos carros no lado oposto da pista acendiam-se de súbito, fazendo surgir pequenos pontos de luz que se deslocavam. No rádio, em baixo volume, tocava “Rinaldo”, de Handel. Então ele olhou para Mariana cochilando no banco do passageiro e logo desviou o olhar para a estrada. Repetiu a ação. E outra vez. No lusco fusco vespertino, ao som de “Lascia ch'io pianga”, parecia que tudo era possível.

Mas não era, e talvez ele diga isso aos alunos, ou talvez não deva. Porque tudo é possível, na ficção, e é isso que os alunos devem entender. Mas é claro que alguém vai querer saber, e aí?, o que aconteceu com Mariana?, e ele pode dizer que tudo está no livro, o resultado está lá, os personagens que resultaram do que ele acabara de contar. Ou ele pode dizer que Mariana nunca quis ser mais do que uma ocasional amante-amiga. Segundo ele, mais amante. De acordo com ela, mais amiga (e algumas alunas então vão olhá-lo com pena, vão se oferecer a ele, ele pode navegar nelas provavelmente pensando em Mariana). E nem isso, nem amigos eles eram, agora ele que não queria, depois que ela conheceu um jornalista japonês de aparência fashion, andrógina, (pelo menos não é um artista mexicano com cara de bandido) quase tão sem atrativos reprodutivos como ela própria, e hoje ela é razoavelmente feliz levando uma vida moderna com o jornalista, até tiveram filhos lindos, bem, ainda são crianças, e a gente sabe, crianças assim, depois que crescem...

O Cafe Carlyle fica na esquina da rua 76 com a 35, no hotel do mesmo nome. Ali, todas as segundas, às oito e meia da noite em ponto, Woody Allen toca clarinete acompanhado da Eddy Davis New Orleans Jazz

Band. É pelo Woody Allen que ele está ali, ele pensa, é pelo Woody Allen que todos estão ali, ele pensa ao ver o lugar lotado, é pelos filmes, pois o Woody Allen nem toca clarinete muito bem, segundo ele leu e pode comprovar no show. Mas é comovente ver o Woody Allen sério, concentrado ao extremo para conseguir tocar, e nem é para conseguir tocar muito bem, ele pensa enquanto termina de beber sua garrafa de vinho e come carpaccio. O show já acabou faz tempo, ele está bêbedo e repetindo “My funny valentine”, uma das músicas da noite.

“You make me smile with my heart”, ele responde quando é informado que o bar vai fechar. Já lhe chamaram um táxi, mas ele se recusa a pegá-lo. Ele vai andando...Cambaleando...

Ele cambaleia pela Madison Avenue, às margens do Central Park, e topa com o Guggenheim Museum. “Mariana”, ele grita. “Você deveria estar aqui! Your looks are laughable. Unphotographable.” Ele se senta nas escadaria e agora sua voz é cada vez mais baixa. “Yet your my favorite work of art...” Ele cai no sono antes que o guarda possa dizer-lhe algo.

O som de um cavaquinho entra pela janela semi-aberta do quarto. Sonolento, o escritor tenta situar-se. Descobre o relógio no criado-mudo. 17h12. Outra vez, não escrevera nada à tarde, e culpa o vinho do almoço, aquele que trouxe da Serra Gaúcha. Pela janela percebe o dia está naquele horário que apelidara de a hora mágica, em homenagem a um conto de Julio Cortázar. É o câmbio de luzes, o momento em que o sol começa a se pôr e sua luminosidade torna-se difusa, jogando um manto tênue sobre a cidade, uma auréola que parece amansar o caos urbano e ao menos por alguns minutos tudo pode ser encantador.

Põe um CD de Nat King Cole cantando boleros.

“...Quiero llorar, no tengo lágrimas...”, ele ouve num sotaque encantador, enquanto se arruma para o Woody Allen.

De tênis, calça jeans e camiseta ele se embrenha na hora mágica. Passa pelos trabalhadores da construção civil tocando cavaquinho e tomando cerveja, relaxados após mais um dia de trabalho. Vem-lhe uma nesga de contentamento, um sentimento vago, e ele vaga até o cinema. Chega cedo para a sessão. Compra o ingresso e entra num sebo ao lado do cinema para matar o tempo. Numa cesta com as promoções, descobre um livro seu ao lado de um de Paul Auster, um que já lera e tem quase certeza da primeira frase. Abre o Auster: “Foi. Nunca será de novo”.

